

Diários intermitentes

México 18-8-74

Quatro semanas no Brasil. A primeira vez em dez anos que me senti mais ou menos à vontade "em volta" com o Brasil. Olhar as pessoas como gente correta; se alguém se dirigiu a mim já não me parecia pelo espírito que podesse ser algo especial. E isso foi suficiente para que tivesse mais prazer nelas e sentido de forma diferente. Pude reencontrar-me espontaneamente com coisas que não partiu de mim. E como se eu desbrasse coisas que estavam perdidas, em armazém e gavetas esquecidas.

Pergunto-me se este estado de espírito não me impõe a "composições", a embosta a minha consciência crítica. Será que vou perder essa lucidez que não me abandona em nenhum momento, no que respeita às coisas brasileiras. Essa lucidez tem sido quase o fruto mais positivo destes anos de exílio. Ora perdi que surge em mim uma certa fatiga, uma lucidez de lucidez? Vejo o mundo, esse mundo, tal qual ele é. Mas também vejo como é fácil superestimar a capacidade pessoal para mudá-lo. Vendo o ultimo livro de Hélio não posso deixar de maravilhar-me com a extraordinária capacidade que ele tem de ilustrar superstições a proprias capacidades para interferir no quotidiano.

Falando com intelectuais, particularmente os de formação marxista, vejo o importante que é dispor de uma utopia para sobreviver neste mundo absurdo. Imagino que as "contradições" se estão agravando, que o futuro

Celso Furtado

**Diários
intermitentes
1937-2002**

Organização, apresentação e notas
Rosa Freire d'Aguiar

Prefácio
João Antonio de Paula



Copyright © 2019 by Rosa Freire d’Aguiar

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Mariana Newlands

FOTOS DE CAPA, QUARTA CAPA E MIOLO

Acervo Rosa Freire d’Aguiar

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais das imagens.

A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade

e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

PREPARAÇÃO

Osvaldo Tagliavini Filho

REVISÃO

Marina Nogueira

Clara Diamant

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Luciano Marchiori



The International CELSO FURTADO Center for Development Policies

Esta obra contou com o apoio do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Furtado, Celso, 1920-2004

Diários intermitentes : 1937-2002 / Celso Furtado.

— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3267-6

1. Diários 2. Economista – Brasil 3. Furtado, Celso, 1920-2004 – Anotações, rascunhos etc. 4. Memórias I. Título.

19-27905

CDD-330.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Economistas brasileiros : Diários 330.092

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Apresentação — *Rosa Freire d'Aguiar* 7

Prefácio — *João Antonio de Paula* 13

1. João Pessoa e Recife, 1937-1939 37

2. Rio de Janeiro, 1940-1946 55

3. A guerra na Itália, 1945 73

4. Paris, 1947-1948 89

5. América Latina, 1951-1958 121

6. Brasil, 1958-1964 151

7. Exílio, 1964-1983 219

8. Redemocratização, 1984-1985 279

9. Ministério da Cultura, Constituinte, 1986-1988 329

10. Balanços, sínteses, 1988-2002 407

Índice onomástico 429

Apresentação

Rosa Freire d'Aguiar

Em meados de 2000, Celso Furtado anotou em seu diário que, desde muito cedo, se atribuía a “tarefa ingrata” de pensar o Brasil. Mais precisamente, desde que se dera por missão escrever um livro sobre a “civilização brasileira”, conforme registro feito a caneta-tinteiro na página de um caderno em agosto de 1938. Ele tinha dezoito anos e morava numa pensão no Recife, onde cursava no Ginásio Pernambucano o pré-jurídico para a admissão na faculdade de direito. Vinte anos depois, vivia em Cambridge e seguia os seminários de renomados economistas keynesianos. Foi nesse ambiente intelectual sofisticado que escreveu *Formação econômica do Brasil*. Se não tão abrangente a ponto de abarcar toda a “civilização brasileira”, como ele vislumbrara um dia à beira do Capibaribe, a obra correspondia à “tarefa ingrata” de pensar o país, sua história e sua economia. Dois decênios separam o desejo do estudante do Recife, nascido em 1920, em Pombal, Paraíba, e a realidade do economista que em Cambridge, aos 38 anos, já era doutor pela Universidade de Paris e acumulara larga experiência como funcionário da Comissão Econômica para a América Latina, a Cepal. Nesse intervalo, a aspiração — eu diria a consciência de missão — de entender o Brasil só fizera crescer e aprofundar-se. Ela se tornaria a principal baliza de sua obra teórica, de sua atuação pública e de sua carreira acadêmica, mesmo quando exercida no exterior pelas contingências do exílio.

Celso não foi um praticante da arte dos diários, se por essa arte se entende o compromisso de registrar com regularidade o que de mais significativo acontece numa vida. Que o leitor não se equivoque: as notas que se seguem foram escritas ora num ritmo quase diário, ora espaçadas por meses, anos; ora se resumem a poucas linhas, ora se estendem por duas ou três páginas. Em geral, mais parecem apontamentos intermitentes que cumprem o que o autor previu, aos dezoito anos, num de seus primeiros diários: “Só pegarei na pena mediante duas premissas: tempo e motivo”.

Motivo houve. Tempo, nem sempre. Razões variadas o moviam a abrir um caderno — raramente escrevia em folhas soltas — e fixar umas linhas no papel. Por exemplo, quando julgava ter testemunhado um encontro decisivo (Juscelino Kubitschek prestes a romper com o FMI); quando uma conversa lhe iluminava uma faceta desconhecida de um amigo (Roberto Campos, Roland Corbisier, Fernand Braudel); quando surgia a oportunidade de discorrer sobre o Brasil com um estrangeiro (Henry Kissinger, Claude Cheysson, Ievguêni Ievtuchenko). O diário também servia de derivativo para um dia de tensão, de imprevistos. Ou para um desabafo, um diálogo mudo consigo mesmo, como as tantas notas tomadas enquanto se arrastava no Congresso Nacional a votação da Lei da Sudene e ele, o futuro superintendente, corria de um gabinete a outro defendendo seu projeto e desfazendo intrigas de adversários que negociavam falsas fichas policiais a seu respeito. Nessas horas de ansiedade, o recurso ao diário parecia vital para deixar memória do que lhe ocorria. Também lhe inspiravam a leitura de um livro, uma conferência a que assistia. Datas próximas ao 31 de dezembro ensejavam um balanço do ano que terminava. E por três vezes os diários serviram-lhe para esboçar romances que, afinal, não foram adiante.

Em pelo menos duas ocasiões, “tempo e motivo” convergiram para gerar registros mais íntimos. O primeiro foi no início de 1945, quando Celso passou duas semanas a bordo de um navio militar rumo à Itália em guerra; o segundo, em setembro de 1964, recém-chegado a New Haven, Estados Unidos, onde iniciaria, como pesquisador da Universidade Yale,

o longo exílio a que o golpe militar em abril daquele ano o submetera. Foram dois momentos em que se valeu do diário para uma espécie de autoanálise, sopesando os projetos interrompidos pelas reviravoltas do presente e as incertezas do futuro.

Viagens eram outra oportunidade. Muitas estão lembradas aqui, pelo Brasil, América Latina, Europa, Ásia. Não raro, quando chegávamos ao hotel num país visitado pela primeira vez, depois de um dia atribulado de diligentes turistas, ou da jornada cansativa de um congresso internacional ao qual eu o acompanhava, Celso abria o caderno trazido na mala ou comprado na papelaria mais próxima e escrevia o que o impressionava naquele dia. Foi assim na primeira viagem à China, em 1980, quando visitamos um país ainda fechado ao estrangeiro, que recebia só 12 mil turistas por ano. Foi assim na Mongólia, quando ele dormiu em tendas fincadas no deserto de Ulan Bator. Foi assim em Manila, nas Filipinas, para uma conferência sobre as democracias recém-restauradas, em que demos uma escapada para conhecer a coleção de sapatos da excêntrica ex-primeira-dama então foragida. Foi assim na primeira vez que voltou à Paraíba, dez anos depois de sair do país.

Em casa, era depois do jantar, ou aos domingos, que ele escrevia nos cadernos pessoais. Sempre à mão. Não relia as notas. Estes diários não foram revistos, nem reescritos. Com exceção de meia dúzia de anotações, assinaladas em nota de rodapé, não se trata de rascunhos de textos reelaborados para publicação ou futuras conferências. Celso não dispensava a revisão de seus textos. Estes ora publicados, ao que tudo indica destinados a permanecer nas páginas fechadas de um caderno — por sua vez esquecido numa estante —, apresentam as falhas de manuscritos não revistos. Que podem, contudo, revelar características de seu autor, como o recurso aos estrangeirismos, marcadamente em dois momentos de sua vida. Dos 28 aos 37 anos, como economista da Cepal, em Santiago do Chile e percorrendo a América Latina, Celso trabalhou e escreveu praticamente só em castelhano. Os textos da época, e mesmo dos anos imediatos a seu retorno ao Brasil, em 1958, estão entremeados de espanholismos. Uns figuram entre aspas, outros estão sublinhados, alguns

sem nenhum destaque, como se fossem palavras do nosso vernáculo. Assim estão nesta edição. Da mesma maneira, nos quase vinte anos de exílio na França, quando ele proferia suas aulas em francês, galicismos pontuam seus textos e, por conseguinte, seus diários. Se comprehensíveis ou dicionarizados, foram mantidos.

Os *Diários intermitentes* de Celso Furtado estendem-se por 65 anos. Ele começou o primeiro aos dezessete; aos 82, tomou as últimas notas aqui publicadas. Desde as páginas hesitantes e prolixas de 1937 até as sínteses depuradas de 2002, dois anos antes de falecer, guardou diários correspondentes a 43 anos — indicação de que podiam se passar vários anos sem que sentisse a premência de registrar o presente vivido. Durante esse tempo, escreveu em cerca de cinquenta cadernos, grandes e pequenos, e em agendas. Os da mocidade são pautados, de capa lisa, muitos comprados em papelarias do centro do Rio de Janeiro; nos anos 1960, foram quase todos escritos em agendas grandes, comerciais, brindes oferecidos ao então superintendente da Sudene e ao ministro do Planejamento que ele foi entre 1958 e 1964; os do exílio costumavam ser quadriculados, comprados no Quartier Latin de Paris, em Londres, Buenos Aires, Moscou, e onde mais as viagens o levassem; quando as vindas ao Brasil se amiudaram, escreveu em cadernos escolares grandes, espiralados, de capas com fotos coloridas, adquiridos em lojinhas de Copacabana. Todos foram abandonados pelo meio, alguns com apenas uma dezena de páginas escritas, quando seu autor, por mudar de pouso, ou esquecer o caderno anterior em casa, comprava outro e recomeçava.

Em certos momentos Celso foi assíduo “diarista”: no fim dos anos 1930, quando viveu entre a provinciana João Pessoa e o Recife, que para ele ostentava ares de metrópole; na década seguinte, deslumbrado com a vida cultural do Rio de Janeiro; na guerra, entre um acampamento e outro ou nas escapadas para conhecer as belezas da Itália; no final dos anos 1940, quando se doutorou na França e tudo foi novidade digna de nota, até mesmo o racionamento de pão; dez anos depois, em tempos de Nordeste e de convívio com o presidente Juscelino Kubitschek. Um quarto de século adiante, o Brasil vivia os estertores do regime militar e

foram extensas as anotações nos diários, dando conta dos encontros com Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Fernando Henrique Cardoso, Severo Gomes e outros nomes da oposição. Essas observações escritas “a quente” por quem ia se envolvendo mais e mais com o projeto político da redemocratização ganham, com a distância, uma notável dimensão para compreender aqueles anos incertos que se encerraram com a Constituição de 1988, quando Celso, ministro da Cultura da Nova República, registrou em minúcias a convivência com os atores do governo de José Sarney.

Diários são um território privado que reserva surpresas. Fragmentários por natureza, constituem uma coleção de instantâneos captados por um olhar perspicaz, que fixa um detalhe nem sempre perceptível, uma face inesperada do interlocutor. Certa vez, em Paris, comentávamos um lançamento editorial dos diários — gênero tão preciosamente cultivado por escritores franceses — de um nome ilustre das letras. Celso arguiu que alguns intelectuais deixaram diários tão portentosos, de tantos milhares de páginas, que davam a impressão de ter passado pelo mundo não tanto para viver a vida mas para contá-la. E que nem todos tinham tempo de vivê-la e descrevê-la: havia que escolher. Ele escolheu viver. Não deixou diários volumosos. Ainda assim, a quase meia centena de cadernos incompletos revela 65 anos do percurso de um privilegiado ator e observador da vida intelectual e política do Brasil e de vários quadrantes do mundo na segunda metade do século XX. São fatos pequenos e grandes, reflexões íntimas, comentários sobre os muitos personagens com quem cruzou vida afora, satisfações e frustrações que fazem de *Diários intermitentes* a obra mais pessoal de Celso Furtado. Esses registros espirituosos, pertinentes, relevantes ou insignificantes conformam a trajetória de quem soube ser fiel à ingente “tarefa ingrata” de pensar não só o Brasil, mas o mundo em que viveu.

Estas páginas seguem a ordem cronológica, e vêm acompanhadas de pequenas introduções biográficas que visam situar o leitor nos diários

ordenados em dez capítulos. Igualmente, as notas de rodapé, embora sucintas, pretendem orientá-lo em relação às dezenas de pessoas citadas. Para ilustrar os *Diários intermitentes*, escolhemos itens de memorabilia conservados por Celso Furtado. Muitas das lembranças dos anos 1940 e 1950, como as que ele trouxe da guerra na Itália, ou do pós-guerra na França, só sobreviveram às constantes mudanças graças ao zelo de seus pais, Mauricio e Maria Alice Furtado. Foram eles que tiveram a preocupação de guardar “as coisas de Celso” e transportar, de residência em residência, uma caixa onde o filho ausente, por estar morando no exterior como funcionário das Nações Unidas ou como exilado, acumulara pequenas curiosidades de viagens e vestígios do passado. Assim salvou-se um acervo de cadernos, fotos, papéis, documentos. E muitos destes diários.

Prefácio

*João Antonio de Paula**

A primeira observação deste prefácio só pode ser o registro de uma certa estranheza que se deve, de um lado, à generosidade de Rosa Freire d’Aguiar e, de outro, à minha imprudência. É que prefácios, em geral, pelo excepcional mérito de seus autores, agregam prestígio ao livro prefaciado. No caso destes *Diários intermitentes*, é o prefaciador que se sente prestigiado por associar seu nome ao de Celso Furtado.

A publicação acrescenta mais um título expressivo à importante obra literária de um dos grandes nomes da vida política e cultural brasileira, abrindo a possibilidade de se tomar conhecimento de materiais relevantes para a exata compreensão de uma obra e de um autor que condensam questões fundamentais de nossa época. Intelectual público, com forte inserção internacional, Celso Furtado tem lugar de excepcional relevo na vida brasileira pela constância de sua dedicação à plena emancipação da nossa sociedade, pela firmeza de seus compromissos democráticos, pelo brilho de sua inteligência tão elevadamente generosa quanto lúcida. Estes *Diários intermitentes*, iniciados em 1937, alongaram-se até 2002, compreendendo 65 anos de uma vida, o que é fato raro entre escritos da mesma natureza.

* Professor do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar-Face-UFMG).

Outros diários famosos abarcaram períodos dilatados, como os de André Gide, que tiveram início em 1889 e se prolongaram, com intermitências, até 1949. Igualmente longo foi o tempo coberto pelo também emblemático *Diário íntimo*, de Henri-Frédéric Amiel, que se iniciou em 1847 e se prolongou até 1881, com um total de 17 mil páginas, quinhentas delas publicadas pelo autor com o título de *Fragments de um diário íntimo*. Os irmãos Edmond de Goncourt e Jules de Goncourt mantiveram um *Diário* que, publicado inicialmente entre 1887 e 1896 e republishedo pela Academia Goncourt entre 1927 e 1935, somava 27 volumes.

O gênero textual diário tem, como se vê, praticantes ilustres. Contudo, foi relativamente tardia a gênese daquilo que tem sido chamado de “literatura pessoal”. É possível que a institucionalização dessa especialidade literária tenha se dado pela primeira vez na Université Paris 13, no início dos anos 1990, sob a direção do professor Philippe Lejeune.

Com efeito, a Grécia clássica não admitia a possibilidade de uma literatura pessoal. Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, diz que “o homem ideal não fala nem dos outros nem de si mesmo”.¹ Nem as *Confissões* de Santo Agostinho devem ser vistas como expressão da subjetividade de um *eu*, individualmente autônomo, senão como uma apologia da grandeza inexcavável da fé cristã. Foi com a modernidade que se afirmou o conceito de homem, que permitiu a emergência plena de um *eu* — que só existe porque membro de um grupo, de uma corporação, de uma congregação —, de um *eu* sujeito de direitos, dotado de uma subjetividade potente e dinâmica. Não por acaso, Jacob Burckhardt abriu seu livro sobre o Renascimento italiano falando do Estado como obra de arte e de seu papel no desenvolvimento do indivíduo.²

A modernidade é, de fato, a casa desse *eu* que não só descobre a liberdade individual, mas inventa um novo mundo, novas instituições, a cidade moderna, a universidade, o Estado, a ciência moderna, o desejo de

¹ Citado em Catherine Chauchat (Org.), *L'Autobiographie: "Les Mots" de Jean-Paul Sartre* Paris: Gallimard, 1993, pp. 79-84.

² Jacob Burckhardt, *O Renascimento italiano*. Lisboa: Presença, 1973.

ser feliz, a contínua inquietação que não hesita em explorar todas as possibilidades do humano. É exatamente do Renascimento a mais genuína representação dessa espécie de êxtase embriagador que representou a descoberta da liberdade de pensar, de investigar em todas as suas nuances o inesgotável do coração humano, de suas convocações do sublime ao mais abjeto do que somos capazes, passando pelo mais costumeiro da vida medíocre, dos pequenos nada que preenchem muito de nossa existência. É essa a lição decisiva de Montaigne, sua disponibilidade para explorar a inesgotável peregrinação da consciência individual, que, descobrindo-se livre, tem de enfrentar agora o desafio de fazer escolhas, de realizar o indivíduo ético que, sendo livre e autônomo, sabe que sua liberdade e sua felicidade dependem da liberdade e da felicidade de todos.

A modernidade libertou o eu. Com a modernidade, quando um poeta, Petrarca, canta sua musa, Laura, esta não é uma figura mitológica, uma idealização do feminino, mas uma mulher real, uma criatura viva, cercada de um cotidiano prosaico; quando um pintor, Giotto, pinta sua figura, esta não é uma idealização, uma convenção, um modelo, mas uma figura real, com as peculiaridades típicas de cada indivíduo, com suas imperfeições, com o que o distingue de todos os outros indivíduos.

O século XVIII foi pródigo em autores que não hesitaram em se revelar da forma mais aberta, podendo causar certo escândalo até em uma sociedade tão permissiva como a nossa. É o caso de Samuel Pepys, homem sobretudo do século XVII mas cujo *Diário* só veio a público no início do século seguinte. Como escreveu Otto Maria Carpeaux sobre Pepys: “A sua sinceridade no escrever esse diário era tão desacanhada que os descobridores do *Diary*, em 1825, se espantaram; certas páginas que fariam corar o próprio autor de *Lady Chatterley* ficaram inéditas. Pepys é o mais sincero confessor de todas as literaturas, porque o seu livro não pertence à literatura. Ele só escreve para si próprio. Não pensa em abrandar a sua vida, em idealizar a sua conduta”³.

³ Otto Maria Carpeaux, *25 anos de literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 22.

Outro diário famoso do século XVIII é o de James Boswell. Ainda hoje quase só conhecido por seu livro sobre a vida de Samuel Johnson, Boswell tem tido sua obra reavaliada pelo reconhecimento da força de seu diário, *Boswell's London Journal*, que registra as peripécias da vida do autor em Londres, entre 1762 e 1763. Também aqui falou muito alto o desejo de nada escamotear do vivido. “A família do autor se opôs à publicação dos numerosos manuscritos que Boswell deixou inéditos, por causa do caráter com frequência escabroso das revelações que fazia sobre si mesmo. [...] Seu *Diário* é uma relação minuciosa de sua viagem, de sua permanência em Londres e de sua vida nos ambientes mais elegantes da capital, sem esquecer o capítulo de seus amores (sobre os quais fala com uma franqueza e uma sinceridade que nos lembram a mesma franqueza do *Diário de Pepys*).”⁴

A literatura pessoal abarca vários tipos de expressão: confissões, diários, autobiografias, memórias, além da correspondência. Na sequência acima, os primeiros termos — confissões e diários — dão conta de uma efetiva centralidade do sujeito que relata, centralidade essa que vai sendo diluída quando se trata de autobiografias e memórias, nas quais há, ainda que não explicitamente, um distanciamento entre o narrador e aquilo que é narrado, o que muitas vezes parece configurar uma narrativa em terceira pessoa. Já a correspondência pode assumir qualquer dos tipos listados e até mesmo combinações entre eles.

A forma da literatura pessoal é, por antonomásia, a confissão. Inaugurada exemplarmente por Santo Agostinho, a confissão, em tempos muito anteriores à psicanálise, deveria soar desconcertante. Afinal, há um certo júbilo na confissão daquela coleção de pecados e iniquidades que o ainda não santo nos oferece. É que, para valorizar a sua conversão, os pecados cometidos tinham que ser superlativos. Também extraordinárias são as *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau, escritas entre 1765 e 1770 e publicadas entre 1781 e 1788. Carpeaux escreveu sobre as *Confissões*:

⁴ González Porto-Bompiani (Org.), *Diccionario literario*. 2. ed. Barcelona: Montaner y Simón, 1967, v. 4, pp. 54-5.

Essa autobiografia espantosa, ou melhor, esse grande *plaidoyer* perante a posteridade, é o livro mais sincero e mais hipócrita, mais humilde e mais orgulhoso, mais franco e mais confuso do mundo. Através das frases retumbantes em favor de simplicidade natural e da inocência da vida campestre revelam-se as perversões de um literato corrupto, de um libertino vulgar, que se impõe, no entanto, pela eloquência torrencial. [...] As *Confissões* são um livro de importância histórica tão grande como as *Confissões* de Santo Agostinho: duas autobiografias que anunciam e terminam a agonia de duas civilizações, pelo desmoronamento total de todos os valores.⁵

Rousseau buscou se explicar, revelando-se inteiro, buscou se justificar diante do inominável, para nossa época, que é ter exposto seus filhos, entregues à caridade pública. Não será ilegítimo dizer que Rousseau criou a pedagogia moderna, ensinou aos pais e à sociedade como cuidar de seus filhos, como uma forma de compensação, expiação que não os isenta de suas responsabilidades morais.

Há, em vários casos de literatura pessoal, uma espécie de dupla versão: o exibicionismo de quem relata e o voyeurismo de quem lê. Nem sempre é fácil a leitura desses textos. É este o caso do livro póstumo de Louis Althusser, sua autobiografia, *O futuro dura muito tempo*, que inventaria as circunstâncias que o levaram a matar sua mulher, Hélène, durante um surto psicótico. É com um incômodo crescente que se acompanha a narrativa de Althusser: “É provável que se julgue chocante que eu não me resigne ao silêncio depois do ato que cometi, e também a impronúncia que o sancionou e da qual, segundo a expressão espontânea, eu me beneficiei”.⁶

Com efeito, *O futuro dura muito tempo* é um livro que cobra preço alto pelo nosso voyeurismo, porque nos solicita, nos interpela numa região profunda e trágica de nossa existência, que é quanto a nossa capacidade

⁵ Otto Maria Carpeaux, *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961, v. 3, p. 1516.

⁶ Louis Althusser, *O futuro dura muito tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 21.

real, efetiva e incondicional de nos colocarmos no lugar do outro, de realizar o mais radicalmente humano de nossos sentimentos, diante do absoluto de um gesto improvável e brutal.

Nem toda a literatura pessoal tem essa vocação abissal, essa obsessão pelas profundezas e pela confissão-escarificação. Sendo inteiramente sincero e verdadeiro em seus *Diários*, Celso Furtado tem um pudor, uma contenção que não atenua, que não é um falso apaziguamento. Por vários títulos, ele tem algo de jansenista não religioso: a mesma lucidez intransigente, a mesma contenção de demasia, o mesmo sentido radical da realização do bem comum, a mesma aposta na capacidade humana de se autoemancipar.

No poema “O sim contra o sim”, que está no livro *Serial*, João Cabral de Melo Neto nos dá genealogia, perfila afinidades eletivas: Marianne Moore, Francis Ponge, Miró, Mondrian, Cesário Verde, Augusto dos Anjos, Juan Gris, Jean Dubuffet. Em outro poema do mesmo livro, Graciliano Ramos é agregado à lista dos que se recusam à fraude pela radical convocação do cerne, do

[...] que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem,
folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude.⁷

Não será arbitrária a inclusão de Celso Furtado nessa lista. Ele, como os demais citados, enquadra-se no programa-escolha do poeta:

*Sempre evitei falar de mim,
falar-me. Quis falar de coisas.
Mas na seleção dessas coisas
não haverá um falar de mim?*

⁷ João Cabral de Melo Neto, *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 312.

*Não haverá nesse pudor
de falar-me uma confissão,
uma indireta confissão,
pelo avesso, e sempre impudor?*⁸

Há, sob certos aspectos, um tanto de paradoxo em quem, escrevendo memórias ou diários, como Celso Furtado, abstém-se da confissão:

*[...] de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abainada,
que fica na lámina e cega
seu gosto da cicatriz clara.*⁹

Entre os tipos de literatura pessoal, Philippe Lejeune não incluiu as “antimemórias”, que é título de livro de André Malraux. Vale a pena tentar sanar essa lacuna na medida em que as antimemórias, tal como Malraux as concebeu, trazem uma outra perspectiva à questão. Diz Malraux: “Mas o homem não atinge o fundo do homem; não encontra sua imagem na extensão dos conhecimentos que adquire; encontra uma imagem de si mesmo nas perguntas que faz. [...] E é possível que, no domínio do destino, o homem valha mais pelo aprofundamento de suas perguntas do que por suas respostas”.¹⁰

Nada talvez sintetize mais adequadamente a caminhada de Celso Furtado do que a radical centralidade que a interrogação sobre o Brasil exerceu sobre ele. Em 20 de agosto de 1938, na casa dos seus dezoito anos, escreveu (p. 48):

Quero registrar hoje, aqui, uma ideia que há tempo venho acariciando: escrever uma História da Civilização Brasileira.

⁸ Id., *ibid.*, p. 554.

⁹ Id., *ibid.*, p. 311.

¹⁰ André Malraux, *Antimemórias*. São Paulo: Difel, 1968, p. 11.

Seria uma obra completa sob o ponto de vista crítico-filosófico. Não seguiria o plano até hoje seguido pelos nossos historiadores.

Ao lado das influências individuais observaria as influências das coletividades. Não me deixaria emaranhar pelos fatos. Não seria uma história das guerras.

Vejo dentro de mim todo esse monumento isento de facciosidade, de paixões: a História de uma Civilização.

Mais à frente haverá lugar para análise dos *Diários* de Celso Furtado. Nesse passo, registrem-se três aspectos importantes: a segurança, a *non-chalance* com que um jovem de dezoito anos se abalança a um projeto de tal envergadura; a recusa de uma visão tradicional da história, que a Escola dos Annales chamou de “história historizante”, ao dizer: “Não me deixaria emaranhar pelos fatos. Não seria uma história das guerras”; e, finalmente, a espantosa constância daquele projeto: com efeito, toda a obra de Celso Furtado e toda a sua atuação política e intelectual não se afastaram nunca daquela obsedante interrogação: o que é o Brasil, como entendê-lo, como fazer para transformá-lo, para superar seus impasses e suas crônicas iniquidades?

Reconhecer a constância da pergunta não significa afirmar a inalterabilidade das respostas, porque tanto o Brasil como o próprio Celso Furtado se transformaram ao longo do tempo. De todo modo, há no fundo daquele projeto, daquele esforço de conhecer e atuar de forma racional, uma determinação que escapa ao puramente intelectual, para mais uma vez lembrar Malraux, porque no insondável das nossas escolhas há, muitas vezes, uma insinuação do trágico, “uma presença irrefutável e fugidia como a do gato que passa na sombra: a do fantasma de quem sem saber ressuscitei o nome”.¹¹

Não se omita esse fundo de mistério que é o fato de um jovem nascido no sertão, de classe média, que desde a infância tomou conhecimento da violência, do misticismo, da miséria, da opressão, da injustiça, e que buscava entender e transformar tal mundo.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 13.

* * *

A literatura pessoal no Brasil tem vários e importantes cultores. É costumeiro ver *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, publicado em livro em 1900, como um marco decisivo do gênero entre nós. E também frequente é o reparo que se tem feito à obra, mesmo por aqueles que admiraram o autor, com relação à pequena presença nacional em seu relato: todo o Pernambuco, todo o Brasil, toda a formação humana do autor restritos a um único capítulo, “Massangana”, enquanto abundam temas e autores estrangeiros ao longo do livro.¹²

Um contraponto expressivo às memórias de Joaquim Nabuco são as *Minhas recordações*, do mineiro Francisco de Paula Ferreira de Rezende, escritas provavelmente entre 1887 e 1890 e publicadas em 1944. Vejamos o que diz Antonio Cândido:

No famoso *Minha formação*, Joaquim Nabuco atenua de certo modo o caráter exemplar do que narra, porque traz para o primeiro plano uma personalidade bastante narcísica, embora eminente, dando exemplo de como o dado pessoal pode se desenvolver na vaidade, a mais particularizadora das forças que atuam em nós. Ferreira de Rezende, ao contrário, alcança o valor generalizante dos grandes livros, através da sua candura arguta e do desejo de fazer viver o seu tempo e o seu meio, graças ao relato de sua vida.¹³

Outro pernambucano ilustre, Gilberto Freyre, deixou-nos um diário: *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Apesar de se apresentar como diário, isto é, como registro dos fatos, reflexões e impressões do autor na medida em que se sucedem, esse livro de Gilberto Freyre não é, pelo menos não inteiramente, um diário, como se pode ver pelo exemplo que se segue. Em re-

12 Joaquim Nabuco, *Minha formação*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

13 Antonio Cândido, “A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas”. In: *IV Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1977, p. 44.

gistro com data de 1923, e de Recife, diz Gilberto Freyre, sobre o movimento modernista: “Não consigo me entusiasmar por certas andradices de Mário. Prefiro as andradices ‘modernistas’ de outro Andrade, embora ‘Noturno de Belo Horizonte’ me pareça um belo poema numa nova língua portuguesa”.¹⁴ Nada a objetar com relação às preferências de Gilberto Freyre; ele tem todo o direito de tê-las, como todos nós. Mas há aí um problema: “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, foi escrito em 1924 e só apareceu em livro em 1927, em *Clã do jabuti*.¹⁵ Mencionar em 1923 um poema que só seria escrito em 1924 prova que, de fato, não se trata de um diário, mas de livro que simula um diário, quando na verdade não o é, não resultando de registro de acontecimentos tais como eles se deram, no calor da hora, mas de elaboração posterior, portanto, sujeita a um juízo, que não é o do momento.

Entre os grandes memorialistas brasileiros, dois têm lugar de destaque, seja pelas qualidades da fatura literária, seja pelo muito que revelam do Brasil do século xx: Gilberto Amado e Pedro Nava.

O ciclo memorialístico de Gilberto Amado teve início com a publicação, em 1954, de *História da minha infância*, ao qual se seguiram *Minha formação no Recife* (1955), *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), *Presença na política* (1958) e *Depois da política* (1960). Homem corajoso, Gilberto Amado não hesitou em confessar em suas memórias as circunstâncias que o levaram a matar um homem. Firme também era seu apego a amizades, mesmo quando alguns companheiros caíram em desgraça ou passaram a não gozar da simpatia da volúvel opinião pública. Testemunha privilegiada de momentos importantes da República Velha, foi merecedor da estima do condestável general Pinheiro Machado, além de amigo e admirador do grande político mineiro Raul Soares. Conviveu com Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes, Washington Luís e Júlio Prestes. Foi adversário da Aliança Liberal e duro opositor de Getú-

¹⁴ Gilberto Freyre, *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 132.

¹⁵ Mário de Andrade, *Poesias completas*. São Paulo: Martins, 1955.

lio Vargas. Professor, político, diplomata e escritor, realizou-se sobretudo nestas duas últimas áreas. Sobre a memorialística de Gilberto Amado, disse Odilo Costa Filho:

“Em *Minha formação* há uma Massangana; na *História da minha infância* há uma Massangana quase em cada página”, escreveu Manuel Bandeira a Gilberto Amado, quando da primeira edição deste livro. É a impressão definitiva, a que ficará, e a rigor bastaria como introdução a este clássico brasileiro. Diz tudo. O que era, realmente, o cheiro de mel dos grandes tachos e a sombra dos escravos sobre o menino Joaquim Nabuco multiplicou-se em imagens da vida natural e de aconchego humano no menino Gilberto Amado. Num e outro, todavia, não é o senso do descritivo ou o gosto de narrar que gera a eternidade, sim o renascer aflorante dos olhos de outrora.¹⁶

Pedro Nava surgiu no cenário cultural brasileiro como um vulcão benigno. Aos 69 anos, o médico mineiro, morador do Rio de Janeiro desde a década de 1930, um dos pioneiros do modernismo em Minas Gerais, admirado poeta bissexto, talentoso artista plástico, surpreendeu a literatura nacional com uma sucessão de grandes obras memorialísticas: *Baú de ossos* (1972), *Balão cativo* (1973), *Chão de ferro* (1976), *Beira-mar* (1978), *Galo das trevas* (1981), *O círio perfeito* (1983) e, ainda, o volume póstumo, *Cera das almas* (2006). É difícil, hoje em dia, avaliar o impacto, o abalo sísmico representado pelo trabalho de Pedro Nava. De repente, não mais que de repente, viu-se surgir uma alta montanha, dessas que se veem ao longe e que permitem ampliar muito o nosso horizonte mental, nossa subjetividade, nossa história cultural. Uma língua nova, não da mesma matéria que a de Guimarães Rosa, mas também resplandecente em sua capacidade de fazer reviver e transfigurar, de dar voz ao que o tempo emudeceu, numa experiência literária que não perdeu de vista a odisseia proustiana, em que a palavra luta contra a morte, contra o mundo dani-

¹⁶ Odilo Costa Filho, “Prefácio”. In: Gilberto Amado, *História da minha infância*. 3^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p. xv.

ficado, contra a venalidade. A obra de Pedro Nava é um dos mais potentes e abrangentes painéis da vida política e cultural brasileira do século XX. Com seu centro em Minas Gerais, ele alcança seus antepassados do Ceará, do Maranhão, suas fundíssimas raízes mineiras. Tão vasto o panorama, tão exata a descrição, foi porque o autor cuidou de documentar-se: fotos, cartas, desenhos, longas conversas na cozinha (como é do gosto dos mineiros), e o passado é transfigurado, convocado de novo a reviver, se não como cópia do que foi, como invenção, que é como o que foi pode revelar a sua verdade no presente.

Em 1968, os grandes poetas Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade lançaram suas memórias em forma de poesia: *A idade do serrrote*, de Murilo Mendes, em que o título não esconde sua constante provação e transgressão, e *Boitempo*, de Drummond, em que a convocação da memória segue a marcha exata do bambolear dos bois:

O gado é que anoitece
[...]
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
*que o gado reconquista.*¹⁷

Boitempo teve sequência em 1973, com *Menino antigo* (*Boitempo II*), e em 1979, com *Esquecer para lembrar* (*Boitempo III*), em que as memórias do menino no mundo do curral e dos bois se alargam para convocar o sexo, apenas antevisto:

¹⁷ Carlos Drummond de Andrade, *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968, p. 59.